

# Amigas antes de tudo

Embora venha acompanhada de muitos desafios e do luto pelos pais, quando uma pessoa assume o papel de cuidador de irmão, a vida pode mudar de uma maneira positiva, com uma relação de proximidade e amor que faça com que esses irmãos voltem para a infância.

A faturista Djania Tavares de Souza, 56 anos, viveu uma mescla de sentimentos quando se viu como a cuidadora oficial e legal da irmã, Márcia Tavares de Souza, 49, que tem deficiência intelectual. Ao mesmo tempo em que as duas se divertem juntas e são a principal companhia uma da outra, ela se viu em um papel de mãe que nunca desejou exercer.

Quando Djania tinha 13 anos e Márcia 7, elas perderam a mãe e, mesmo vivendo com o pai e mais dois irmãos, um deles mais velho, sempre foi ela quem teve mais cuidado com Márcia. “Por ser mais velha que ela e mulher, eu que acabei cuidando mais, fazendo as coisas do dia a dia com ela”, lembra.

Desde 2011, Djania se tornou oficialmente a cuidadora de Márcia. Elas moram em uma casa no mesmo terreno que os dois irmãos homens, e eles costumam ter momentos em que se reúnem para comer e conversar. “Apesar de não sermos muitos carinhosos fisicamente, porque isso não fez parte da nossa criação, somos muito unidos. Nos ajudamos e gostamos de passar tempo uns com os outros, e acho isso o mais importante”, comenta.

A dicotomia de sentimentos se apresenta quando ela considera que, desde nova, quando começou a namorar, nunca quis ter filhos, e no sentimento maternal que desenvolveu pela irmã, que com o passar dos anos tem se tornado cada vez mais dependente, um processo inverso ao que ocorre tradicionalmente na maternidade. “Deus me colocou nesse papel, querendo ou não, e hoje, o meu sentimento por ela é um amor de mãe muito verdadeiro, em que não me vejo sem ela ou deixando outra pessoa assumir esse papel”, comenta.

## Equilíbrio

Conforme a autonomia de Márcia diminui, surgem alguns outros desafios. Um deles é relacionado a coisas mais simples, como tomar banho e comer na hora certa.

Arquivo pessoal



**Djania Tavares de Souza, de vermelho, e Márcia Tavares de Souza juntas na igreja**

“É até engraçado, porque nessas horas, quando digo que tem que fazer alguma coisa, ela responde que faz se quiser, que eu não mando nela”, conta Djania. Depois de alguns embates, ela entendeu que bater de frente não é a melhor solução, o que faz com que Márcia volte atrás e acabe fazendo o que precisa.

A psicóloga Tiane Amaral comenta que é comum que mulheres que assumem o cuidado de irmãos com necessidades especiais vejam a relação oscilar entre o fraternal e o maternal. “O desafio é equilibrar o afeto e a autoridade, mantendo o vínculo como irmãos enquanto desempenham o papel de cuidadora.”

Para isso, ela afirma que é essencial estabelecer limites claros, respeitar a autonomia do irmão dentro de suas possibilidades e buscar apoio para não se sobrecarregar emocionalmente.

Quando o irmão desafia, Tiane comenta que é importante conversar com paciência, mostrando que as decisões são para ajudar, não para “mandar”. “Respeite sua opinião e envolva-o nas escolhas sempre que possível, reforçando que vocês estão juntos nessa. Nessa situação, é importante evitar uma postura autoritária, e apostar no diálogo. Explique as responsabilidades que assumiu, mostrando que suas decisões visam o bem-estar dele”, completa.